

CRIATIVIDADE E FRUIÇÃO MUSICAL

Piedade Carvalho¹

Universidade Federal Fluminense

Antes de abordarmos a **criatividade na música**, ou seja, a **fruição musical** em seu sentido profundo, gostaríamos de falar sobre o título de nosso trabalho, sobretudo sobre a **verdade** que se guarda nesse título. Sim, porque um título deve ser sempre o contrário de uma coisa vazia. Quando se escreve sobre **criatividade**, o título que lhe diz respeito deve representar o direito humano de conjugar o verbo fruir. Um título é sem dúvida uma metáfora, uma condensação metafórica. O termo originário da junção de palavras criatividade/fruição/sentir é, sem dúvida, o verbo imaginar. Não é possível a **criatividade** onde não existe o direito de sonhar, o direito de imaginar a sonoridade do mundo.

Caso quiséssemos decorrer nosso pensamento através de uma conduta historiográfica linear, mecanicista portanto, por mais que nos pretendéssemos a uma 'suposta' estética (como sempre, da forma; jamais, do conteúdo), poderíamos ir lá na história bibliográfica e dizer, por exemplo, que Schumann, passeando pelos bosques alemães, tenha sido dominado por imagens musicais, tais como, um intervalo de quinta justa descendente, um ritmo bimétrico e um outro trimétrico para compor suas *KINDERSZENEN*. No entretanto, renunciando a essa conduta pesquisadora em nada dialética, posto que cremos veementemente na veracidade do pensamento científico, edificador do NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO, instaurado pelo filósofo francês Gaston Bachelard e aplicado, diretamente à música, pelo musicólogo (também francês) Michel Guiomar, teremos que procurar entender a própria palavra CRIATIVIDADE como idéia poética e a palavra FRUIÇÃO como termo semântico a este primeiro.

Criatividade, seja na música, seja na medicina; **fruição**, seja na música, seja na imaginação engenhosa que constrói uma ponte, seja na dinâmica imaginante que instala, numa tela branca, por conseguinte ainda plenamente muda, todas as cores que existem em sua singularidade interna; enfim, uma, semântica da outra, são a representação etimológica do direito de viver. Contudo, o que temos a zelar, enquanto acadêmicos, é, exatamente, a

¹ Doutora em Música –Paris IV

soberania do Saber, nesse instante quase metafísico em que falamos de **criatividade**. Longe de querermos defender qualquer postura política autocrática – essa postura sem beleza e que vem, lá do autocratismo burocrático, inibir nosso desenvolvimento, tentar envergonhar nosso direito inalienável de cátedra, nosso indelével direito de sonhar face à construção de uma Universidade Nova. Devemos, isto sim, lutar por aquilo que primeiramente temos enquanto **criatividade: a autocracia de nosso próprio Saber**.

Autocracia do Saber, entendemos, é jamais permitir que a banalidade se sobreponha à singularidade; que a unipolaridade se sobreponha à interdisciplinaridade – eis aí a **criatividade**, em seu sentido o mais profundo. A autocracia do Saber, queremos ainda dizer, é não permitir que o imediatismo mecanicista, o pragmatismo inoperante, se sobreponham ao direito humano de viver em permanente estado de graça – eis aí o direito de **fruir**. Ser criativo não é, apenas, divertir-se com um pretense pitoresco alienado de um senso de politicidade, não é tampouco embriagar-se com esse modo-de-presença denominado variedade, instaurador de um consumismo cujo objetivo é fazer rapidamente tombar aquilo que nunca nasceu (nunca nasceu porque a proveta que o criou jamais possuiu seio e leite).

Preservar a **criatividade** é preservar-se em **politicidade**, ou seja, no abraço enfim da Autocracia do Saber – aquilo que só é vivificado por uma imaginação que tem sempre uma primavera a mais para descrever, uma flor a mais para colocar todo um espaço dinâmico em emanação. Expressando-nos filosoficamente, poderemos dizer que a **criatividade** só trabalha onde existe a **alegria** e o verbo **fruir** só se conjuga onde existe o **desejo**. Somando **alegria** com **desejo** tem-se a sensualidade humana em toda sua plenitude.

Falemos agora então da **criatividade** na **música**. E o que é então essa enormidade cujo nome é **MÚSICA**? É a soma de **alegria** + **desejo**? Sim, ela o é. Mas também é mais que isso: é o momento em que uma união de sons se metamorfoseiam e se elevam ao nível de uma melodia. A música é aquilo que emigra da profundidade sonora e vai brilhar lá no reino de um espaço que só existe porque existiu, *a priori*, o direito à **criatividade**. Dizer a palavra **criatividade** é o mesmo que dizer que uma coisa é sempre fonte de outra coisa. Pensemos então na interdisciplinaridade inerente às pesquisas e estudos do campo Arte, lembremos-nos da poesia, enquanto fonte de filosofia² e refiramos a arte enquanto uma das

² WAHL, Jean - ESSENCE ET PHÉNOMÈNE. LA POÉSIE COMME SOURCE DE FILOSOFIE - Paris: CDU, 1958

possibilidades de se realizar emanação, criatividade, fruição, ou seja, o direito de dizer: "*l'art est source de métaphysique*"³. É preciso não permitir-se ao obscurantismo para acreditar que uma coisa é fonte de uma outra; que a **criatividade** é fonte de metafísica muito mais que de produto a ser concluído. Uma obra acabada é um produto concluído. Contudo, uma obra acabada é, uma fonte de filosofia, uma fonte ao pensamento, uma fonte ao direito de grito, uma fonte à politicidade, uma fonte à Beleza. Só um filósofo da arte, ou seja, o seu irmão gêmeo – aquele que vive o direito inalienável à **criatividade**; aquele que trabalha, ama e sente a vida por meio da **fruição** – pode discernir os sufixos e os prefixos da arte sonora, bem como de todas as demais (as visuais, as corporais, as computacionais, as videográficas, as literárias, etc...). E esse filósofo jamais poderia ser aquele que vive submerso no obscurantismo, ou no pragmatismo, ou no mecanicismo – espaço/tempo pretensamente acadêmico onde todavia habitam as Águas que choram as dores de si mesmas, o Fogo que queima a queimadura de si mesmo, o Ar que implode o prédio de si mesmo, a Terra que enterra o cadáver de si mesma. Nesses arquétipos, a vegetação é tão triste que as flores desabrocham murchas e o céu não tem azul. Nesses arquétipos, de onde a **criatividade** desertou, o veludo das folhas das árvores e o leite seringal perderam a fórmula do próprio perfume.

Começamos a meditar, aqui e agora, sobre a **beleza arquetipal** – singela metáfora da palavra **criação**, ou seja, **criatividade** [em sua etimologia a mais profunda: **idade da criação**] ou, melhor ainda: **idade**, querendo dizer, **plenitude**; plenitude daquele que vive em **tempo mítico**, ou seja, em **tempo poético**. Viver em tempo poético não é viver em descompromisso. Viver em tempo poético é saber ir buscar o lirismo que vive na profundidade de uma nota musical. Não estamos aqui nos referindo a sonoridade material, aquela que só tem corporeidade física. Falamos daquela outra: a que tem corporeidade anímica. Quando Villa-Lobos viu o olhar de uma índia, dirigindo-se ao índio, receptáculo do amor desse olhar, ele extraiu o lirismo, o romantismo que vivia na profundidade de uma sonoridade que também lhe era própria – por isso mesmo ele disse: "o folclore sou eu". Justamente, essa sonoridade nada mais lhe foi que as imagens poéticas, armazenadas por si, lá bem dentro do cofre onde se guardaram as suas vivências. Um cofre onírico, cheio de imagens sonoras, é aquilo que se tem como direito à fruição – eis a música.

³ GUIOMAR, Michel - PRINCIPES D'UNE ESTHÉTIQUE DE LA MORT - pg 104

Digamos doravante então que a **criatividade** é uma planta a ser regada a água, a vento e a sol. Ou seja: um humano, para dar-se o direito à **fruição**, à **criatividade**, deve pedir ao mundo que lhe regue. E regar aí é ministrar o Saber. Quando fazemos um Congresso como este, estamos regando uma vida que se deseja indelevelmente criativa. Quando fazemos um Evento da categoria deste, estamos dizendo ao mundo que viver é sonhar no centro dos Arquétipos da cosmogonia intuitiva – Água, Terra, Fogo e Ar –; aquilo que, através de nosso psiquismo dinâmico, nos hidrata, nos torna passíveis à lágrima, nos embebe, nos torna abertos ao abraço, nos aquece, nos torna possíveis à relação com o outro. A possibilidade de ver e saber o outro é o nosso poder em sermos asas – nossa possibilidade de dialetização entre terra e céu; enfim, tudo aquilo que nos torna capazes da construção do que jamais cairá da moda, jamais submergirá pela ação do poder ditatorial de um sistema econômico imensamente nocivo. Esses arquétipos, em nosso onirismo, constituem-se num "sistema de fidelidade poética"⁴. Quando uma música canta esses arquétipos, ela assim o faz porque acredita no sistema de fidelidade humana, ou seja, na poesia que diz respeito à **criatividade** – aquilo que há de primitivo, na história dos sistemas de sensibilidade.

O som é uma realidade primitiva que nasce de um temperamento, ou seja, do timbre do caráter musical. E tudo isso vive na vida dos arquétipos – *foyer* da emoção humana. Desses arquétipos sonoros nascem as imagens musicais. Na verdade, essas imagens não habitam a vida onírica; quem aí habitam são os arquétipos. As imagens musicais nascem dos arquétipos e vão tomar forma no mundo audível (visível). No momento em que o homem **criativo** retira uma melodia lá de dentro de um arquétipo, ele frui uma imagem musical. Uma melodia é como uma melancolia – aquilo que tem sempre lágrima, calor, doçura e acalanto. Costumam dizer, aqueles musicólogos que se destinam apenas ao estudo da forma, que uma melodia por si se basta, querendo assim defender um certo sistema de dominação dos direitos autorais plenos. Dizer isso é como dizer que um líder por si se basta. No sentido verdadeiramente epistêmico de uma pesquisa, veremos que uma melodia não existe isolada, por mais que seus atributos e complementos ainda estejam inaudíveis.

⁴ BACHELARD, G. - A ÁGUA E OS SONHOS - pg 5

Uma melodia é como um pântano, envolvendo uma aglomeração de plantas úmidas. Tudo isso que está em seu interior são: o baixo que lhe é pedal, para que seu edifício não desmorone; as notas de seus entre-meios onde seu teto encontra repouso, conforto, solidariedade e daí por diante. Vejamos então que uma música é uma casa onde cada um de nós pode habitar (sonhadamente). Sim, sonhadamente porque o direito de sonhar tem a mesma dimensão daquele de dormir e comer.

Por esse mundo em que vivemos, sobretudo nesse dito mundo neo-liberal, o direito de autoria, muitas vezes, fica negado junto ao poder dominante. Aqueles que trabalham nas gravadoras, preenchendo os espaços sonoros que, sob melodias, ainda persistem mudos, sequer são vistos como co-autores. Vemos, a todo momento, muito devaneio musical não ser devidamente recompensado, economicamente recompensado. A **criatividade**, ou seja, o direito inalienável ao devaneio, nem sempre é reconhecida como força de trabalho, melhor dizendo, como um dado extremamente importante para as forças de produção de um país. Os Maestros que, nas gravadoras (ou até fora delas) dão vida plena, dão vida cênica a simples melodias, recompondo-as porque alguns de seus autores nada sabem sobre os signos musicais, são as plantas que enverdecem a vida da música popular brasileira. Eis aí, mais uma vez, a **criatividade**.

Habitado a dividir o mundo em classes sociais distintas, o homem que não tem intimidade com o amor e com o sonho dividiu a Arte em duas instâncias: a popular e a erudita. No que tange à música, isso se apresenta de forma ainda mais sistemática. Popular, o que é o popular? Será aquilo que está com o povo? Que povo? Bem que poderíamos responder, exatamente assim: popular é tudo aquilo que ainda não eruditizamos e eruditizar é redizer o germe do sonho humano através de um Saber que possa ser entendido pelo mundo inteiro. Dizer que Vitalino é um escultor popular, pior ainda, um artesão, é não saber o Saber que se concentra na palavra **ESCOLA**. Escola não é institucionalização do Saber. Escola é aquilo que se tem, enquanto forma, para aquilo que se tem enquanto sonho. Olhem aí a **criatividade**; vejam aí essa coisa linda cujo nome é **ESCOLA**. Vitalino fez Escola; ele constituiu uma Escola; mas ele não instituiu uma Escola. Vitalino fez Escola como Beethoven também o fêz. Não há soberania, de um para o outro; há apenas as

diferenças de percurso. Capiba edificou um monumento cujo nome é frevo, da mesma maneira que Picasso edificou um outro cujo nome é cubismo. Em qualquer um desses existiu o modo-de-existência **criatividade** – capacidade de compreensão de que basta uma gota de som, um grão de terra molhado, um fio de cabelo, para se criar um mundo; capacidade de compreensão de que tudo o quanto se apresenta aos nossos olhos é um embrião. É preciso tão-somente ir lá na profundidade da imaginação para viver a palavra **criatividade** e conjugar o verbo **fruir**.

Ao defendermos Capiba, ao defendermos Vitalino, não estivemos, de modo algum, desfazendo a propriedade da vida acadêmica. Isso, nunca. Quisemos, tão somente, enquanto defensores do direito de sonhar, demonstrar a diferença entre academia e escola. Melhor pensando, quisemos unir essas duas instâncias onde o Saber se aloja. Quisemos dizer, enfim, que temos a aprender com Vitalinos, Capibas, Adonirans, Cartolas, e daí por diante. Não é nosso interesse estudar, seja Vitalino ou Rodin, para emitirmos um julgamento sobre aquilo que eles compuseram. Nosso interesse é conjugar o verbo fruir através da arte de todos eles. É essa a academia que queremos para as nossas vidas: um espaço onde o devaneio, o sonho e o amor tenham a vida mais longa que o mundo pôde conhecer.

Começamos esta palestra falando sobre o sentido de um título onde o tema é **criatividade**. **Criatividade** ou sua semântica: **sucesso da alma**. E, nesse momento de nossa explanação, com muita saudade lembramos das palavras de um artista brasileiro: "a glória do homem não está no sucesso, mas na consciência de tê-lo feito"⁵. **Criatividade** é então a consciência de permanecer-se em revolução. E lembramos de uma outra pessoa, Daniel Ortega, em uma conferência na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, nos dizendo, batendo com os punhos na mesa a cada vez que falava: "*revolución es lo que se debe hacer todos los dias, todos los dias, todos los dias*". A *inteligentzia* instauradora

⁵ TAIGUARA - palavras proferidas do Show **18 OUTUBROS**, realizado no Canecão, Rio de Janeiro, 1989.

deste evento nos pergunta: **Criatividade, para quê?** Para sermos felizes **todos os dias, todos os dias, todos os dias.**

Piedade Carvalho

Coordenadora da Pós-Graduação em Ciência da Arte da UFF
Rua Lara Vilela, 126 - CEP 24210-590 - Niterói - RJ
Telefone: (021) 6208080 (ramal 348) - FAX (021) 6206377